

CORIOLANO

(por “musicista”)

A Abertura “Coriolano”, de Beethoven, é uma obra prima. Toda a estrutura da composição se baseia na tragédia homônima do tempo dos romanos, na de Shakespeare, e principalmente na de Heinrich Joseph von Collins. Com certeza Beethoven se identificou com o tema que lhe era tão caro, o desafio ao destino.

Quando soube que a orquestra local iria começar seu novo concerto com esta música maravilhosa corri ao teatro para pegar meu lugar, uma cadeira da arquibancada. O assento ao lado esquerdo estava vago. Mas, quando o regente já ia dar início ao programa, eis que surgiu, esbaforida, uma figura singular. Alto, obeso, de uns quarenta anos de idade, mal penteado e barbudo, o homem vestia um terno surrado, camisa branca, sem gravata. Soltou um ruidoso suspiro, e sentou-se com espalhafato, esparramando sua gordura, bem na hora em que os músicos começaram a tocar. Os fortes acordes iniciais descreveram a personalidade guerreira de Gaius Marcius Coriolanus, prestes a invadir Roma. Meu vizinho acompanhou os *fortissimi* com movimentos violentos das mãos, *regendo*. Incomodava-me bastante. A seguir a música ilustrou os conselhos da mãe do protagonista romano na tentativa de acalmá-lo, com uma melodia mais suave, que meu vizinho imitou em tom indiscreto, deixando-me ainda mais contrariado e com vontade de lhe ensinar umas verdades. Enquanto isso, Coriolano, impossibilitado de recuar na guerra, precisou lutar, e a orquestra intensificou seu tom. Meu vizinho, arrebatado, se levantou, gesticulando, quase me batendo com seu braço aberto, invadindo meu espaço. Fiquei revoltado. No final, Coriolano se matou, e a orquestra terminou esta abertura quase em silêncio.

Silêncio foi tudo que meu vizinho não fez. Aplaudiu com estardalhaço, e gritou *bravo*, *bravo*. Quem ficou ainda mais bravo fui eu. Ele, não contente, ainda teve tempo de soltar alguns assobios malcriados. Nojento. Resolvi lhe dar uma lição. Confrontá-lo com alguma frase realmente contundente, daquelas de deixar o outro espumando de raiva. Sem levantar dúvidas sobre minha revolta. Assim, num raro momento de pausa, me dirigi a ele, arrematando:

-De qual hospício o senhor acaba de fugir?

Por um segundo, ele ficou estático... Iria me agredir? Mas logo um largo sorriso invadiu aquele rosto barbudo, e ele replicou, em alto e bom tom:

-Pinel!

